

## **CAPÍTULO 1**

### **PREPARANDO-SE PARA EMIGRAR**

O tráfego aéreo internacional é tão intenso em nossos dias que existe literalmente uma enorme população em constante movimento. Se acrescentarmos os outros meios de transporte, a decisão de se viajar para um outro país se torna cada vez mais simples, a medida que mais companhias aéreas vão surgindo e as atuais aumentam suas frotas e novas rotas. Nos anos 80, grandes companhias aéreas começaram a construir aeroportos próprios como núcleos de conexões, possibilitando um aumento exponencial de novos vôos. Pensando em meu bisavô, quantas dificuldades devem tê-lo afligido ao planejar e executar sua vinda para Nova Iorque, em 1864, onde estudou e concluiu seu curso de Engenharia Civil. Hoje, os meios de transporte e de comunicação nos fazem habitantes do mundo. Os menores problemas a serem resolvidos são relativos à viagem.

#### **A vinda de um pastor**

*“Pois, qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançados os alicerces e não a podendo acabar, todos que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar” (Lucas 14:28-30).*

A vinda de um pastor para os Estados Unidos deve ser precedida de um completo

planejamento. Pastores que se aventuram sem o devido preparo, pesquisa, contato e um plano piloto, estão destinados à rodarem em círculos, perderem preciosas oportunidades, voltarem ao Brasil derrotados e, infelizmente o que mais acontece, serem pedra de tropeço àqueles que são mais fracos na fé. Quando me refiro à pesquisa e preparo, não estou sugerindo uma extensa pesquisa ou a necessidade de se falar inglês fluentemente, principalmente se o pastor vem aos Estados Unidos com o objetivo de implantar uma igreja entre a comunidade brasileira ou hispana.

As bases para um campo missionário de sucesso devem estar alicerçadas, antes de iniciarmos a construção da igreja no exterior. Se nosso trabalho fosse no Brasil, as dificuldades seriam menores e, no caso de um insucesso, poderíamos nos relocar com certa facilidade. No Brasil conhecemos a cultura, temos mais amigos e parentes, falamos a mesma língua, e no caso de evangelização para implantação de uma nova igreja, todos em volta são alvos. No capítulo Implantando uma Igreja Brasileira, discutiremos sobre a dificuldade de se alcançar uma população esparsa e como criar mecanismos de aglutinação.

O princípio básico para a saída de um pastor do Brasil, principalmente de ele vier com a sua família, ou tenciona trazê-la posteriormente, é a certeza da chamada de Deus. Em países de primeiro mundo, sejam os Estados Unidos, o Japão ou os da Europa, a idéia de um mar de rosas é utópica. A realidade é que os Estados Unidos e alguns países da Europa já vivem uma era pós-cristã há várias décadas. Evangelizar aqui é muito mais difícil que no Brasil. Mesmo que a evangelização se dê entre os brasileiros aqui residentes, notamos que esse grupo já adquiriu uma cultura singular, híbrida, meio americana, meio brasileira. Ganhar brasileiros que já estão no exterior há algum tempo,

requer um bom conhecimento dessa nova cultura. Países como o Japão, mesmo que o campo missionário seja entre brasileiros, têm mais particularidades a serem abordadas. Sair do Brasil para ter um ministério mais abençoado financeiramente e com isso poder fazer a obra de Deus com mais desenvoltura, é uma falsa linha de partida. Nossa experiência tem mostrado que os Estados Unidos têm secado vocações. Fizemos uma pesquisa em Dallas quando alí havia 4 igrejas brasileiras. Nessa época encontramos 32 pastores brasileiros. A maior parte deles trabalhando secularmente sem se envolverem sequer em outras igrejas locais, sejam brasileiras, hispanas ou americanas.

A chamada de Deus é essencial. Deus chamou Abraão e o enviou a uma terra estranha. O apóstolo Paulo foi chamado e enviado como o apóstolo aos gentios. Em uma visão, Paulo vê um varão macedônico rogando-lhe que passasse à Macedônia e os ajudassem. Paulo concluiu que Deus os havia chamado para lhes pregar o evangelho. Paulo por duas vezes tentou ir à Tessalônica, mas foi barrado por Satanás. (Gn 12:1, Rm 11:13, At 16:9-10, I Ts 2:12). A certeza de uma chamada irá fortalecer o obreiro nos momentos de luta. *“Se Deus é por nós, quem será contra nós” (Romanos 8:31b)*. Deus é por nós quando estamos trilhando os caminhos que Ele traçou para que neles labutássemos. Deus sempre irá abençoar, de alguma forma, quaisquer atividades que contribuam para a expansão do seu Reino, inclusive quando estamos pregando o evangelho onde Ele não nos enviou. Paulo diz *“Todavia que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijarei” (Filipenses 1:18)*. A chamada é a certeza da vitória. A chamada de Deus é a realidade em face às circunstâncias opostas. *“Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais,*

*e as que se não vêem são eternas” (II Coríntios 4:18).*

O “Ide” por todo o mundo, se aplica à Igreja. “Sereis” minhas testemunhas até aos confins da terra, também está no plural. A igreja tem ido, os pastores porém, não podem ir, a menos que sejam enviados, por Deus e pela Igreja. *“Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam cousas boas” (Romanos 10:14-15).* Cada cristão tem uma comissão. Pedro era apóstolo, mas não foi chamado por Deus para o mesmo campo missionário que Paulo fora. A presença de Pedro era e foi dispensável no campo missionário do apóstolo Paulo. Muitos pastores, sem chamada específica de Deus para campos missionários, são dispensáveis. Na verdade o que eles fazem é vacinar o povo contra o evangelho, tornando o trabalho daqueles que Deus comissionou para esses campos muito mais árduo. Melhor fora que nunca tivessem ido.

Deus tem uma chamada para cada pastor, para cada missionário. Na dúvida, não ultrapasse. Vai chegar o dia de Deus em que cada um estará pronto para partir aos campos que já estão, há muito, brancos para a ceifa. Marcos foi rejeitado por Paulo, no início de seu ministério, porém solicitado com elogios em seu devido tempo. Tenha certeza da sua chamada. A convicção da chamada é tal qual a certeza de salvação. Não se explica, não se ensina, não pode ser produzida. É ato soberano de Deus e ultrapassa nossas capacidades de bloqueio. Podemos até rejeitá-la, fugir dela como Jonas o fez, mas jamais dizer que não a sentimos, pois é a própria razão da nossa permanência aqui na terra. A nossa chamada traz todas as respostas. Se este já é o seu caso, vamos tratar de um assunto muito importante, o poder de quem envia.

## **A igreja de origem**

Se você pertence ou não a uma denominação, a única forma de se ser enviado é sendo enviado. Se a sua igreja ou denominação não concordar com a sua ida para qualquer campo missionário, seja no Brasil ou no exterior, você deverá acatar a decisão, pois esta é a prova de que você não ouviu direito a chamada e a ordem de Deus para o campo. Outra possibilidade seria o inverso deste fato. Os responsáveis pela direção missionária de sua igreja, ou os que tomam decisões nas juntas de missões denominacionais, não ouviram a voz de Deus, no que diz respeito à sua chamada. Em ambos os casos, partir sem resolver esta questão é se engasgar com água, ainda no trampolim. O Deus que chama, comissiona, dá convicção, abre portas, faz milagres, distribui os dons necessários para o ministério, reveste de poder para as batalhas espirituais, abençoa tanto na saída quanto na entrada. A benção na saída é o seu envio. É essa autoridade da igreja impetrada sobre seu ministério e vida, que dará continuidade nas benções derramadas desde o primeiro raiar de sua chamada e que serão perene através de cada degrau galgado, de cada batalha a ser enfrentada, trazendo glórias a Deus por cada guerra vencida. Toda situação em que a igreja local, ou a liderança hierárquica sob a qual o pastor ou missionário está subordinado, se opõe ao envio do obreiro ou obreira, desencadeia uma reação onde decisões sérias deverão ser tomadas. A liderança pode concordar com o envio, mas não naquele tempo. A liderança pode crer que esta é a hora correta, o “*kairós*” de Deus, mas não com de você. Quando isso acontece, é prova de que esse projeto não foi acompanhado de perto pela liderança, seja por descuido seu ou

dela. Uma possível saída seria a sua transferência para uma igreja ou liderança que “tivesse a visão”. O problema aqui seriam os conflitos de interesse que poderiam mascarar as intenções dos dois lados, colocando ambos em risco. Você poderia também esperar em Deus com paciência, enquanto Ele tratasse com a liderança. Se não há esta possibilidade, um relacionamento com outra liderança que lhe dê apoio, pode ser a solução, desde que haja tempo suficiente para o seu entrosamento com a nova igreja.

Deus quer enviar mais obreiros. A obra da expansão do reino vai continuar crescendo. É inevitável o envio de mais missionários e a abertura de novas igrejas locais. Se você é parte deste plano, então seu envio está garantido. Alguma liderança madura, com visão missionária, temor à Deus, discernimento de espíritos e meios para enviá-lo, cruzará o seu caminho, ou você o dela. O relacionamento entre o pastor e a igreja a qual pertence, deve ser como em um casamento, filhos virão, serão criados, crescerão e ao se casarem partirão. Nenhum pai ou mãe que ame a seus filhos, os prenderão para que não reproduzam. Citar P Wagner q. Nenhum pai tem medo do sucesso dos filhos./+ +++

Uma vez resolvida a questão da benção a ser recebida em sua partida, comece com a liderança a programar o culto de despedida. Inclua no programa a conscientização de intercessores se comprometerem com você e com o seu ministério. Busque mais intercessores fora do âmbito de sua igreja local. Intercessão faz diferença. Você precisará dela, com certeza. Faça alvos tangíveis a serem alcançados. Escreva-os e distribua entre a igreja o seu projeto, bem antes do culto onde você será enviado. Dê tempo à congregação para absorver a sua visão, que também é a visão de sua igreja.

A igreja local é parte decisiva em muitas situações que você irá passar. Se ela irá lhe sustentar, programe claramente o seu orçamento. A idéia de sustentar um missionário

por um determinado tempo é muito vaga. Um pastor enviado para um outro país, deve ser sustentado até conseguir sustento próprio em seu novo “*habitat*”. Uma das grandes causas de retorno ao Brasil ou de abandono ao ministério, é impasse entre o sustento da família e o amor pela obra, num país que, para dar os primeiros passos, o recém chegado tem que assumir compromissos financeiros que não podem ser resolvidos com jeitinhos.

No dia 11 de setembro de 2001, à hora em que aconteceu a tragédia no “*World Trade Center*” em Nova Iorque, eu estava com minha família, voltando aos Estados Unidos, em um vôo da “*American Airlines*” originário na França, já há duas horas sobre o Atlântico. O piloto recebeu ordens de retornar à Paris e ali ficamos “de castigo” por três dias, enquanto o espaço aéreo dos Estados Unidos permanecia fechado. Quando tentamos embarcar novamente, havia cerca de dois mil passageiros tentando a mesma coisa. Pensamos em ir para Madri, onde poderia esperar sem pressa, e sem pagar hotel, pois o pastor Afonso Cherene, líder nacional da JOCUM na Espanha, é meu parente. Do aeroporto liguei para Afonso e ele me perguntou, quando vocês vem? Eu disse, agora. Naquela tarde desembarquei em Madri com minha esposa Cleide e três das filhas, Raquel, Elizabeth e Suzana. A primeira frase que Afonso me disse foi: “Não há coincidências no reino de Deus. Creio que precisamos compartilhar”.

Uma das histórias que ele me contou, cortou o meu coração. Soube que um pastor brasileiro e sua esposa deixaram o Brasil, sob a benção e sustento de sua igreja, e foram para o norte da Espanha, em uma região denominada país Basco, que também inclui o sudoeste da França. A língua basca é uma das mais difíceis de se aprender. O ministério daquele pastor era transcultural. Eles estariam iniciando uma igreja entre os bascos, enfrentando a dificuldade da língua e decidindo viver entre um povo cuja história

é violenta. O grupo terrorista, ou separatista, ou político, ETA é oriundo daquela região. O pastor tinha quarenta e quatro anos quando ali chegou. Não era neófito, foi com sua família e o trabalho começou a prosperar e chegou a 30 membros. Neste tempo, recebeu uma carta da sua igreja no Brasil dizendo que a partir daquela data o seu sustento iria diminuir e que a igreja basca deveria assumir as despesas com o próprio pastor. O pastor começou a gastar tempo com trabalho secular, a esposa também, a igreja começou a diminuir e em algum tempo fechou. O pastor, frustrado, voltou ao Brasil.

Muitas vezes, quando um pastor vem para uma igreja já em desenvolvimento, o sustento ainda necessita ser enviado pela igreja de origem. Somente o pastor enviado e a igreja na qual ele agora serve, é que terão uma palavra real quanto a transferência ou ao término do sustento vindo da igreja no Brasil. Um aborto nesse processo pode resultar em muitas tribulações à igreja que está sendo implantada, às famílias envolvidas nessa igreja, ou até mesmo na volta do pastor enviado. Se uma igreja local não tem condições financeiras de enviar, contenha-se. Cresça e tenha condições, aí então envie, ou faça parceria com outras igrejas para completar o sustento. No caso do envio ser feito por uma junta denominacional este problema geralmente não acontece. A responsabilidade de segurar a corda é de quem está em cima, na boca do poço. Aquele que desce é o que solta a corda quando seus pés já podem tocar o fundo. Aquele que na boca da cisterna, abre a mão e deixa a corda cair, sem permitir o devido preparo e tempo para o que desceu se posicionar com segurança, não entende de poço, não entende de corda, não tem a mínima idéia do que é descer ao fundo. Não sabe que quem desce o faz para trazer aqueles que lá estão, sem esperança, sem Cristo, sem salvação. Além de não terminar o que começou, atrapalha aquele que desceu em dois aspectos. O pastor enviado ao

exterior, confiado nas promessas e suporte da igreja local, poderia estar desenvolvendo seu ministério com grande sucesso no seu próprio país, ou ter sido enviado por outra igreja. Já no campo em que ele está, sua situação precária, por falta de apoio da igreja que o enviara, traz grande pressão sobre os novos convertidos, principalmente se estivermos falando dos Estados Unidos, e se os membros da igreja são brasileiros imigrantes de baixa renda.

Há muitos anos atrás, quando ainda era sustentado como missionário pela "*Shady Grove Church*" em Grand Prairie, Texas, no início da implantação da Comunidade Cristã Brasileira em Dallas, assisti à Conferência de Missões realizada todos os anos por esta igreja, onde se levantava o sustento para todos os missionários enviados ou sustentados por ela. Eu era um deles. Naquele ano, o alvo da igreja era me dar uma "*van*" além do sustento mensal em salário. O valor estipulado para a oferta que compraria a "*van*" foi de cinco mil dólares. A Igreja "*Shady Grove*" sempre fez um tipo de leilão de missionários que eu achava incrível. Dois pastores, Monty Smith e o missionário convidado Wayne Mayers, do "*Christ For The Nations Institute*" estavam apresentando os alvos de cada missionário, com projeções no telão. Numa conferência que durava três dias, os participantes, que geralmente também eram membros da igreja, levantavam, cada um per si, suas mãos, indicando quanto por mês se comprometiam em dar, via àquela igreja local, a cada projeto missionário. Esperei com amor o momento do meu projeto. Precisava de uma "*van*" para buscar brasileiros que não tinham carro, para o culto. Chegou a minha hora. Estava orando e crendo. Pareceu um milagre. Wayne Mayers perguntou se não havia alguém ali disposto a doar toda a quantia para a compra do carro. Uma mão se levantou. Uma pessoa votou toda a quantia. Meu alvo fora

alcançado e o problema resolvido. Pura ilusão. O senhor que levantou a mão não cumpriu sua promessa. Fiquei sem carro e o prejuízo em tempo foi grande. Se aquela pessoa, muito bem intencionada, porém mal sucedida, não tivesse interferido, muitos membros votariam pequenas quantias e, mesmo com algumas desistências, eu teria uma grande parte das ofertas para o projeto missionário.

Quem não pode sustentar completamente, seja sincero, diga com quanto, e se houver limite de tempo, deixe claro. Cabe então ao pastor enviado calcular os riscos, pois circunstâncias virão onde ele precisará do sustento prometido e até de extra.

A igreja que envia deve entender que ao sair do convívio local, o obreiro deixa de ser membro, e passa a ser um missionário. Para ser membro, é necessário se fazer parte de um corpo local. Todos nós somos membros do Corpo de Cristo, porque este corpo habita localmente na terra e Jesus participa de toda a sua Igreja. Quando falamos a respeito de um corpo de igreja local, está implícito que são parte dele aqueles que localmente se congregam. Qualquer outra afiliação que não leve em conta a necessidade da participação física à “koinonia” da igreja, rebaixa a membresia ao status de sócio. O exemplo que Paulo nos dá do corpo humano se refere à Igreja, a Noiva de Cristo, da qual, independente de onde estivermos, somos parte integrante. A nível de igreja local, membros estão ligados àquela congregação.

A lealdade de um pastor enviado deve ser para com a sua igreja local no que tange à chamada, desenvolvimento do ministério, afiliação e visão local. Os compromissos assumidos com a igreja que o enviou devem deixar campo suficiente para que o pastor tenha poder de decisão quanto às direções dadas pelo Espírito Santo para a igreja no exterior.

Embora, com a economia brasileira lutando contra a prosperidade, a visita de representantes da igreja matriz ao campo missionário, trará muito apoio, carinho e encorajamento aos obreiros no exterior. Missionários americanos no estrangeiro, voltam aos Estados Unidos a cada cinco anos para um período de descanso e reciclagem, que chamam de “*furlough*” . Muitos missionários brasileiros passam anos sem poder retornar ao Brasil para rever a família, amigos e a igreja que os estão sustentando, por razões puramente financeiras.

Existem casos, e não são poucos, onde não existe uma igreja para enviar. Missionários ligados à missões indenominacionais, ou interdenominacionais, tem nessas organizações a sua comunidade de santos. Se a submissão ministerial e desenvolvimento da vida cristã são feitas exclusivamente nessas entidades, então elas fazem o papel da igreja local. Elas são a igreja local desses pastores. Quando um missionário da JOCUM trabalha com uma igreja local, a autoridade sobre ele é a do pastor daquela congregação, enquanto ele ali servir. Porém, terminado o seu tempo naquele campo ou ministério, a autoridade latente do seu líder, na Missão, volta a atuar na benção do próximo envio, a não ser ele se desligue da Missão e se integre à igreja como obreiro. Nesse caso, enquanto o missionário pertence à Missão, ele pode ser membro da igreja, mas é missionário da JOCUM. Se ele se desliga da Missão e permanece na igreja, continua membro local e passa também a ser um missionário daquela igreja. Qual a diferença? Autoridade, visão e destino.

Quando o brasileiro vem para o estrangeiro e aqui se converte, cresce e decide se entregar ao ministério, não haverá igreja para enviá-lo. Ele já está aqui. Mesmo sem qualquer vínculo com igrejas brasileiras, ele deve procurar o apoio, a benção do envio, e

estar debaixo da autoridade daquela igreja. Se houver posteriormente uma emancipação, ou por alguma outra razão um rompimento com a igreja matriz, é mister se procurar um corpo, uma igreja, uma convenção, outras igrejas, um “*network*” e sob um deles se posicionar como igreja local, mesmo que esta união não seja jurídica. Aliás, as uniões que mais permanecem e crescem são as que tem as suas bases fora da letra e arraigadas no espírito.

Quando um missionário se encontra abandonado por sua igreja, e por muito tempo se posterga a solução do problema, o caos se instaura e o desespero rouba toda a paz e tranquilidade de se viver uma vida exemplar no campo missionário.

O missionário BJ, escreve desesperado buscando um ministério que o adote:

Que a Doce Paz de Jesucristo esteja com você.

Fiquei muito feliz com seu contato em dias de intensas angústias. Antes de informar-lhe sobre o trabalho que venho fazendo aqui no Chile, ressalto alguns pontos onde os amados poderiam colaborar comigo. Estou no Chile há quase dois anos, fui abandonado por minha Igreja no Brasil, e estamos passando por um processo bem difícil no momento. Gostaria de saber, se existe a possibilidade de o amado irmão conseguir uma Igreja ou um Ministério que possa adotar-me?

Assumi uma Igreja na capital do Chile há 06 meses com 09 pessoas, hoje estamos com 30 a 35 pessoas congregando em nossas reuniões. A Igreja é (Nome da Igreja). Fazemos parte da (Nome da Convenção ou Junta Denominacional). Tenho fotos, se o irmão se interessar, poderei enviar por e-mail. Estamos trabalhando no bairro mais PERIGOSO de Santiago, chamado "LA LÉGUA". Deus está fazendo uma obra poderosa.

Meu único problema é a situação financeira. A vida no Chile é mui cara. A moeda chilena frente ao Real é muito forte. Necessito de U\$ 550 dólares para viver como justo no Chile. Sou casado, tenho quatro filhos que me ajudam intensamente na Obra Missionária. Minha esposa chama-se: R, meus filhos: R, F, M e J. Tenho um filho adoptivo chileno que se chama E de 19 anos. Estava vivendo na rua, dormindo nas pracas e na praia. Deus cambiou sua vida. Está vivendo conosco há um ano e meio.

Orem por nós para que Deus possa nos ajudar a conseguirmos um sustento, para que não voltemos ao Brasil. E necessitamos dessa decisão até o fim de Março porque meus filhos tem que estudar, e ainda não estão estudando por não termos condições de pagar as matrículas e comprar os materiais escolares. OREM POR ISSO! Saludos a todos ustedes. Vuestro siervo en Cristo, Missionário BJ.

O caso do irmão BJ é muito comum nos campos missionaries. Essa carta que recebemos por email foi em resposta a um convite para participação em uma Conferência Missionária. Seu desespero era tanto que ele desabafou quando sentiu a menos possibilidade de atenção. Às vezes o missionário entra em crise de chamada e até mesmo desconfia se Deus está se importando com ele. Por receber um convite para uma conferência, seu coração recebeu um novo alento. A resposta que dei ao seu email foi literalmente seca.

Amado irmão BJ. Essa é a situação de inúmeros missionários. Estarei conversando com a direção de missões de nossa igreja para ver se a gente tem alguma ideia. Uma das razões de nossa Conferência Missionária é justamente para tratar desses assuntos de missões no Brasil. Resumidamente, me fale de sua vida, chamada e preparo para o Campo Missionário. Qual foi a igreja que os enviou? Por que pararam o sustento? Em Cristo. Pr. Julio B. Pinto

Naquela tarde falei com o nosso departamento de missões e resolvemos ajudá-lo temporariamente, enquanto levantaríamos sua história. Se a situação chegou a este ponto é porque houve falhas, e não poucas, na preparação e definições do ministério. Segue-se sua resposta, que narro para dar uma ideia dos sofrimentos que podem ser evitados com relacionamentos partidos, afiliações rompidas, senso de abandono e crises de baixa-estima.

Companheiro. Seu e-mail ascendeu uma nova chama de esperança. Eu estudei na Escola de Missões (nome da escola e da denominação) Sou credenciado na Secretaria Nacional de Missões sob o nº 1566. Fiz estágio no Paraguai, onde nossa turma conseguiu ganhar para Jesus, 780 almas na cidade de Pedro Juan Caballero, fronteira com Mato Grosso.

Fui enviado pela Igreja tal, em tal cidade, pastor EM. Após a direção da igreja verem que Deus tinha me chamado, me enviaram a Estudar na Escola de Missões. Fiquei em regime interno, e minha Igreja me sustentou em tudo. Voltei e então começaram as lutas. Fiquei de 2000 a 2003 sendo interrogado, avaliado, etc. Fizemos um culto de envio para o campo, e viajei com minha família, sem recursos nenhum. Só tinha R\$ 700 reais, para uma economia agressiva como a chilena. Mesmo assim, me prometeram ajudar, enviando sustento, etc. Mas a fé que eu tinha, era inabalável. E assim, temos vivido sem salário até o dia de hoje. Voltei ao Brasil em Abril do ano passado, e novamente conversei com meu pastor e os obreiros, e renovei o acordo com eles.

Voltei para o Chile, em uma viagem de 04 dias de onibus, com crise de rins, urinando sangue toda viagem. Cheguei em casa, fui direto para o hospital. No mês de julho do ano passado eles enviaram as passagens para eu voltar ao Brasil. Mas eu não quis voltar, pelas coisas que Deus está fazendo em nossa igreja, e pela necessidade que essa nação tem de voltar-se para Deus. Estamos com as passagens em aberto, porém, como as coisas estão, não suportamos mais. Viver assim não é possível!

Estamos sem auxílio Ministerial, Emocional, Psicológico, não temos com quem nos desabafar, solicitar ajuda, pedir socorro. Minha esposa está desgastada, meus filhos estão chocados com essa situação. Sem estudar, porque não temos como pagar as matrículas nem comprar material. Minha esposa está um ano e sete meses sem fazer uma consulta médica (ginecológica), meus filhos sem ir ao dentista, sem roupas, calçados, etc. Eu creio que o irmão pode imaginar nossa situação. Por outro lado a igreja está crescendo, avivada, estamos trabalhando com uma comunidade difícil, por causa das drogas, roubo, homicídio, tráfico, etc. O melhor de tudo é que Deus está respaldando. Seu amigo e servo. Pr. BJ Santiago - Chile

Nossa igreja enviou uma oferta para as necessidades emergenciais e fez os contatos necessários com sua igreja de origem para tentar uma mediação. O Missionário BJ é uma ponta do “iceberg”. São incontáveis os testemunhos e pedidos de socorro. Essa situação triste se contrapõe àquelas onde a igreja ou junta enviada segura a sua ponta da corda com bravura enquanto o missionário reúne suas forças para alcançar aqueles que estão perdidos, sem esperança. A incerteza financeira no campo missionário constitui uma grande barreira ao ministério pastoral, missionário e administrativo dos enviados. Grande parte de seus esforços e estresse estão localizados nessa área.

### **A família**

Paulo, muito sabiamente inspirado pelo Espírito Santo, alertou *”O que realmente eu quero é estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor; mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa, e assim está dividido... Digo isto em favor dos vossos próprios interesses” (1 Coríntios 7:32-33, 35a).*

Sabemos por experiência que os jovens missionários solteiros tem mais mobilidade e muito menos problemas para se preocupar que os casados. Por outro lado, o missionário casado tem muito mais suporte emocional, sentimental e espiritual quando sua família está presente e

ativamente participando da visão e ministério dados a eles. Por esta razão é importantíssimo a participação da família no planejamento, oração e decisão para cumprirem o mandato de Deus. Se Deus chamou, Ele dá paz, amor e esperança aos corações. *“Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi outorgado” (Romanos 5:5). “Seja a paz de Cristo o árbitro em vossos corações” (Colossenses 3:15a).*

A ideia de se ir ao campo missionário e deixar a família para trás, além de anti-produtiva, pode ser uma tremenda armadilha espiritual para o obreiro, cônjuge que fica e filhos. A Bíblia nos ensina que uma separação do casal deve ser somente temporária. Um grande período de separação pode trazer resultados irreparáveis à família, ministério e muitas vezes ao campo missionário.

É bom que os pais se conscientizem que seus filhos, dependendo das idades, serão *TCK's (Third Culture Kids)*, ou seja, Crianças da Terceira Cultura, além de serem filhos de pastor ou missionários.<sup>1</sup>

Os primeiros dois anos no campo missionário no exterior, se não houver uma comunidade brasileira organizada, vão desgastar muito a família. Um cordão de três dobras, bem traçado, será a garantia de estabilidade emocional familiar. Todos devem estar com uma divina expectativa de vitória, de cumprimento da vontade de Deus, senso de destino abençoado que fortifica os laços familiares e dá bom testemunho aos de fora, principalmente aos que serão alcançados. Como alguém já disse “pregue o evangelho a todo o tempo, e quando for necessário fale”. A família missionária deve ser referência, sal e luz, entre uma cultura distante de Deus ou entre sua própria cultura, distante de sua terra natal. Em ambas as situações um referencial embasado em verdade e transparência é decisivo. A família é a maior arma que o

missionário tem para isso, ou o maior entrave. Cuide primeiramente dela, antes de se arvorar a cuidar de um campo missionário, ou de uma igreja.

### **Documentos, Sustento e o Choque Cultural**

A documentação legal para se entrar num país e alí permanecer tem sido um grande obstáculo à obra missionária. Como tudo isto pretence ao sistema que rege este mundo, Satanás tem grande atuação nessa area. Uma visa deve ser solicitada com base na verdade, fé, oração e convicção da chamada. Deus é o Rei do universo e pode, como tem feito inúmeras vezes, fazer milagres nessa area, abrir portas que ninguém fecha.

Qualquer mentira para se conseguir uma visa será base legal para interferência maligna no empreendimento missionário. Devemos fechar todas as brechas e revesti-las de verdade e fé. *“Se Deus é por nós, que Consul ou Embaixada será contra nós”*. Entretanto reforço a ideia de que esta area deve ser coberta por intercessão, orações e súplicas por todos os santos em favor de todos os missionários.

A decisão de se estar em um país para alí cumprir um chamado e ministério de Deus, deve levar em seu bojo a firme determinação de se ir até ao fim. Início com uma visa de turismo, se for sondar o campo. Segue-se a ela uma mudança para uma visa religiosa, daí documentação de residente permanente, nos Estados Unidos chamada de *“Green Card”*, e por fim o processo de naturalização. Isso demora em torno de dez anos, mas é necessário e altamente produtivo.

Se Deus me chamou para este país, devo me mudar como Abraão se mudou, com certeza, fé e sem deixar raízes para traz. Não somos árvores. A obediência ao IDE é clara, não

existe o IDE e VOLTE. Sempre é IDE, mesmo que este seja para ir novamente ao país de origem. Me lembro de um ditado que dizia que o bom soldado nunca recua, dá meia-volta e ataca. Um missionário sempre vai. Em indo, vai por inteiro. Os que ficaram para trás são amados, merecem sua visita esporadicamente, mas seu coração, esforço e bens devem estar onde Deus o enviou. No caso de um projeto temporário, pré-estabelecido com a igreja e claramente delimitado com tempo de ida e vinda, o que disse acima não se aplica, evidentemente.

O mal do missionário que não se permite amalgamar com a cultura hospedeira e assimilar suas nuances, é sua impertinente ligação com os *“melões e cebolas do Egito”*. Se o pastor pega no arado, não olhe para trás.

O melhor teste para ver se o Senhor realmente lhe deu uma chamada para ministrar a um outro povo, ou em outra nação é estar disposto a passar seus últimos dias ali, ver seus filhos casados com nacionais daquela terra e seus netos falando numa outra língua. Ser missionário significa ser imigrante.

### Sustento

Seu sustento no campo missionário deveria ser provido pela igreja que lhe enviou, porém há muitas situações em que você mesmo levantará seu salário. Fazedores de tendas estão presentes em todo o escopo missionário. Muitas vezes, em alguns países, este é o único meio efetivo de sustento. Uma igreja recém-formada não requer muitas vezes o tempo integral do pastor ou missionário. Um pastor que não trabalha secularmente pode ser visto como preguiçoso se não tem o que fazer na igreja. Se sua igreja ou junta enviadora prove o sustento total, gaste seu tempo estudando a língua, as leis do país para ajudar os imigrantes, ou faça um curso teológico.

Um pastor que não tem o que fazer no campo missionário não entende de campo. Sabemos que em países do primeiro mundo é muito difícil administrar o tempo de visitas, evangelismo e programações na igreja. Nos Estados Unidos, é praticamente proibida a evangelização nas ruas. Visitas, se para brasileiros que alí vivem e trabalham, são raras as oportunidades durante a manhã ou a tarde. Todos trabalham muito, às vezes até as dez da noite, as crianças ficam na escola até as três ou quatro da tarde, uma visita importuna não é produtiva. Programações na igreja não atraem muitos membros durante a semana. Depois de uma igreja estabelecida, o povo vai ajustando seus horários e prioridades. Hoje nossa igreja tem atividades todas as noites, mas no início, qualquer reunião durante a semana era um suplício. Hoje temos membros que atuam em todas as áreas, nos primeiros três anos, eu e minha família abríamos a igreja, limpávamos, arrumávamos as cadeiras, eu tocava guitarra, cantava, pregava, fazia o apelo, arrumava a igreja, fechava o templo, chupava cana e assobiava.

O início de um ministério no exterior vai colorir todos os próximos anos. Um pastor deve gastar seu tempo integral em trabalho, observadas logicamente horas e horas de preparo, oração e meditação. Tenho visto missionários que gastam algumas horas por dia no ministério e a maior parte ficam em casa, aguardando o domingo para pregarem. Se não tem o que fazer procure um trabalho.

### Choque cultural

O moço nasce e cresce sem se preocupar com o futuro. Na adolescência começa a sonhar. A menina do interior pensa num bom casamento, as mais dedicadas ao estudo pensam em ser professoras. A vida começa a deixar de fazer sentido quando os problemas dos pais e as dificuldades até então camufladas pelos tempos de brincar, passam a assumir lugar de um monstro da realidade. O migrante brasileiro, abrangendo várias idades, se translada à cidade

grande como um peixe fora d'água, um corpo sem ligações culturais que façam sentido. A família e as amizades ficaram para trás. Em sua terra era conhecido, tinha nome; na metrópole é mais um tentando sobreviver e enviar algum dinheiro para quem ficara torcendo e orando por seu sucesso.

O tempo passa e sua base cultural se esvai. Seus amigos, possivelmente, passam ou passaram por experiências semelhantes. Muitos se tornam duros, insensíveis, vacinados. As meninas têm sorte pior, atacadas por propostas e encurraladas pelo senso de sobrevivência. Quando o dinheiro dura um pouco mais que o comum, uma viagem apressada de uma semana mata as saudades e põe em dia os assuntos por muito esquecidos. Como num túnel do tempo o migrante está de volta ao seu passado. Ali fora tratado como filho da terra, gente amiga confiável e conhecida. Por algum tempo se esquece das humilhações que, por amor aos parentes e amigos, ou por vergonha de ter maculado a honra, esconde e omite, mudando de assunto se sua privacidade é ameaçada.

De volta à cidade gigantesca que o espera com sons e odores que há muito se entranharam em seu ser, tem uma estranha sensação - ele gosta dali. Foi bom ter voltado no tempo e espaço, rever a dona da quitanda, conversar com os amigos de infância, agora casados, mas um estranho sentimento lhe diz que ali, na selva de pedra, nos tumultos do trânsito, ele encontrou seu destino. Como um híbrido terá de encarar a realidade de sua mutação. Não é mais a mesma pessoa da cidadezinha, não se adaptaria naquela roça, nem se sente como os que nasceram na capital. Quem sou eu? Com muitos anos de desvantagem em relação aos nascidos ali, trabalha em dobro, para tirar a diferença.

Agora casado, com raízes se aprofundando, trazer os parentes para visitá-lo ou acolhê-los como

agregados, se torna o fruto de tantas madrugadas divididas entre um trabalhinho extra e cochilos no ônibus, ao caminho de casa.

O híbrido descobre que não é híbrido. É, na verdade, como a maioria, nômade por natureza, ser humano no cosmo dinâmico. A idéia de que os naturais daquela região são privilegiados é vaga. A maioria que conhece está na mesma situação dele. O sucesso ou fracasso não depende da origem, mas da garra com que encararam a vida. Na verdade ele descobre que nativos daquela terra têm as mesmas preocupações, no entanto suas dificuldades não podem ser atribuídas à migração, o que os tornam mais decepcionados e frustrados.

Nós, com a desculpa de sermos estrangeiros em terra estranha, temos um aliado psicológico atuante e poderoso. Como o migrante do interior, nós, os imigrantes brasileiros, somos a princípio um povo sem terra, descalçado de sua cultura, afligido por todos os lados, mas vitorioso e de garra. A facilidade que temos em ajeitar, improvisar, superar, adaptar, serve de catapulta que nos lança ao trabalho como nunca experimentamos no Brasil. Quem já não disse: Se você trabalhasse assim no Brasil já estaria rico.

Estamos fazendo o que nossos antepassados fizeram. Ter coragem de desbravar um novo mundo e proporcionar aos nossos filhos um futuro que julgamos ser melhor. Nossas raízes, responsáveis pelo nosso calor, pelos valores de família, pela alegria irradiante, até em meio aos infortúnios da vida, jamais serão perdidas. Aos que aqui estão temporariamente, recebem de nós, os que nos alicerçamos em solo estrangeiro, suporte e ajuda para armarem suas tendas.

Descobrimos, depois que a tempestade passa, que outros barcos, tais como o nosso,

vindos de todas as partes deste planeta, vagaram por um pouco à toa, mas foram norteados pelo mesmo altruísmo que um dia reunimos para enfrentar a fila, aquela fila que, com nosso destino em suas mãos, brincou de mamãe mandou bater nessa daqui - Pode buscar seu Visto amanhã. O que era utopia foi descartado, a realidade brotou em forma de conquista e nossa comunidade verde-amarela global, cada vez maior, mais organizada e espalhada, é o nosso Brasil, menor, com menos recursos, mas tão brasileiro - e às vezes até mais brasileiro - quanto o nosso Brasil, também nosso.

Choque cultural é a passagem por essa senda mutante e irremediavelmente de uma só via. Choque cultural é comer abacate com feijão. Choque cultural é entender a diferença entre relacionamento e envolvimento, entre a maneira americana de ser, em meu caso, e a maneira brasileira de existir.

### **Inglês, Espanhol e Português**

O aprendizado da língua estrangeira é parte integrante da chamada missionária. Não existe nem início de argumento para aquele que se diz chamado à obra missionária e não quer ou não se esforça para aprender o idioma do país para onde está indo. Na verdade, o bom missionário, estuda e se prepara antes da ida. Hoje em dia é muito fácil se encontrar bons cursos de inglês ou de espanhol no Brasil. Como estamos enfocando a implantação de uma igreja missionária nos Estados Unidos, as línguas a serem estudadas devem ser essas duas. O missionário brasileiro nos Estados Unidos deve falar três idiomas: o português, o espanhol e o inglês. O tempo de domínio do espanhol, para comunicação básica é de seis meses em média, e do inglês, dois anos. Para os jovens, frequentando escola diariamente, esse tempo é notadamente menor. O problema do aprendizado dessas duas línguas fora dos Estados Unidos é

a questão da pronúncia. Muitos imigrantes vêm do Brasil com um inglês péssimo, mesmo tendo cursado ali esse idioma. Mas, como diz o adágio popular, é melhor um passarinho na mão do que dois voando. É melhor se chegar ao país estrangeiro com o domínio de sua língua, mesmo que o sotaque seja carregado. Fato interessante se dá com o espanhol, pois, na América Latina, cada país tem o seu próprio sotaque e muitas palavras diferenciadas. Assim, dependendo do aprendizado do professor, o aluno carregará tanto o sotaque quanto as expressões regionais, distintas das usadas nos Estados Unidos, que são predominantemente mexicanas em vários estados do sul, cubanas na Flórida, e um amalgamento na área da Nova Inglaterra, estados do nordeste americano.

Existem muitos colégios e obras sociais, incluindo igrejas, que viabilizam o aprendizado do inglês por preços módicos ou até com taxas simbólicas. O nome usado para esse curso destinado aos estrangeiros é ESL (English as Second Language) que são as iniciais para Inglês como Segunda Língua. Nas escolas que correspondem ao primeiro e segundo graus no Brasil, o aluno estrangeiro recebe, como parte de seu currículo, aulas de ESL. Há também cursos pela internet, cursos em DVD, escolas de línguas, enfim, a oferta é maior que a demanda.

Uma maneira de se aprender outro idioma com mais facilidade, rapidez e prazer, é através da música. Temos uma capacidade incrível de memorizar os sons ligados a uma linha melódica. Hoje, pela internet, é fácil se baixar as letras de quaisquer músicas, principalmente nos idiomas aqui abordados. Com o auxílio de um amigo conhecedor do idioma que estivermos aprendendo, podemos entender tanto as traduções das palavras quanto a interpretação da letra. A repetição é a forma ideal para o aprendizado. Passamos muitas horas por dia, principalmente nos primeiros meses em um novo país, de maneira mais introvertida, no que diz respeito à

comunicação. Com pequenos gravadores ou tocadores de mp3, podemos passar horas nos exercitando na nova língua, sem prejudicar trabalhos manuais que estivermos executando. A televisão também dá um grande apoio à capacidade de se separar os sons das palavras. No início, o inglês parece um indímita com palavras enormes. Nunca sabemos quando o som de uma palavra termina e quando começa o de outra. Sabemos falar e entender o vocábulo quando separado da frase, mas como os sons se juntam, perdemos os limites. Muitos aparelhos de televisão têm a propriedade de escrever as palavras faladas na parte inferior da tela. Assim como nos filmes com legenda, você poderá ouvir e ao mesmo tempo ler o que está sendo falado. As palavras ficam então mais fáceis de se identificar e o tempo gasto para o aprendizado da língua, será altamente recompensador. Uma sugestão seria se ter um canal em inglês, via satélite ou cabo, enquanto a família missionária se prepara para imigrar. Religiosamente todos poderiam investir um bom tempo para por esse processo aprenderem a diferenciar os sons e aumentarem seu vocabulário. O importante é a junção do som contínuo, rápido, com as legendas.

Uma vez nos Estados Unidos, o primeiro ano deve ser devotado ao aprendizado da língua e cultura americanas, concomitantemente aos afazeres hodiernos. Deve ser dada especial atenção à pronúncia, pois uma vez aprendida errada, se queda viciosa. O isolamento cultural, muito praticado em comunidades brasileiras no estrangeiro, apresenta uma falsa ideia de assentamento. É altamente prejudicial a desistência ou a falta de valorização do aprendizado à língua do país onde queremos viver e ministrar, mesmo quando o objetivo primário for a implantação ou pastoreamento de uma igreja de nossa própria cultura. Trataremos das implicações de um ministério com esse perfil, em um capítulo posterior. E experiência demonstra que é impossível o total isolamento da cultura hospedeira, e os que se arriscam nessa

senda acabam criando guetos culturalmente insustentáveis, com inúmeras variações de males que atingem, primeiramente, nossa família, envergonham e apartam nossos filhos, prejudicam a igreja, bitolam nosso ministério e abrem portas a questionamentos que os nacionais impreterivelmente farão. O apóstolo Paulo e o próprio Jesus falavam mais de um idioma. O conhecimento da nova ou novas línguas da área onde viveremos como luz do mundo, é parte integrante de nossa chamada missionária. Se Deus nos chama, ele também capacita. Com a capacidade garantida, a habilitação é a nossa parte nesse processo missionário. O valor de uma alma redimida para o Senhor é incalculável. Se Deus nos dá uma vocação e a complementa com a chamada missionária, cabe a nós o esforço e os passos em direção à habilitação. Quando chegamos à juventude e desejamos conduzir um veículo, precisamos ser capazes. A capacidade nos é dada por Deus, através de uma mente sã, visão e saúde fundamental. Muitos deficientes físicos, em automóveis adaptados às suas necessidades, são também capazes de manejar com segurança um veículo. Mas se a saúde ou complexão física chegam ao ponto de incapacitá-los, de moto próprio escolhem uma outra forma de locomoção, entendendo que nossa adaptação ao meio ambiente, também é dom divino. Todos os capacitados a dirigir um veículo, o são em consequência do que são e têm. Já a habilitação, corresponde ao outro lado da moeda. Nos habilitamos naquilo em que somos, já por natureza, capazes. Ter capacidade de conduzir um veículo não nos faz habilitados. Para tal, precisamos nos aplicar ao estudo, receber conhecimento e prática, tutela e monitoramento. Carecemos entender as leis que governam nossa nova área de habilitação e a elas nos submetemos. Em algumas culturas, os carros são guiados e trafegam pelo lado direito das vias, como no Brasil e Estados Unidos. Já em outras como Inglaterra e Cingapura, pelo lado esquerdo. Quem tem razão? Qual lado é o correto? Logicamente o lado correto é aquele onde as leis de trânsito locais exigem. Dessa forma,

demonstrando uma figura cultural, devemos nos habilitar na língua e cultura onde dirigiremos nosso ministério. O Senhor já nos deu capacidade de fazê-lo. Temos uma mente sã, inteligência, uma chamada de Deus para a obra missionária, sabemos ler e escrever e, conseqüentemente, através de sentidos como a visão e/ou audição, somos capazes de nos achegar à língua estrangeira, porém, para habilitarmo-nos, precisamos gastar tempo e prática, para que em seu manejo, não venhamos, como aconteceria certamente na direção de um carro, a causar acidentes até fatais, em nosso ministério, igreja, família e comunidade onde deveríamos estar para ser bênção.

Um grande engano, principalmente dos pastores e missionários que saem para um campo missionário distinto da cultura e língua imigrantes que ali se estabeleceram, como é o caso da comunidade brasileira em solo americano, é presumir que a língua local é dispensável, já que o ministério será levado entre os seus próprios compatriotas. Bastariam umas poucas semanas para se dar conta que pecou, isto é, errou o alvo. As comunidades imigrantes estão permeadas de pessoas e relacionamentos locais. Muitos imigrantes se casam com os da terra. Filhos de imigrantes aprendem a língua daquela nação. Cartas das escolas, contas a pagar, aluguel, compras, negócios, convites, cursos, oportunidades, legislação para legalização dos estrangeiros, leis, sinais de trânsito, oportunidades de testemunho e ministração aos anfitriões, contato com as autoridades, alertas sobre perigos iminentes, necessidade de socorro, contato com hospital, problemas de toda sorte dependem de uma comunicação adequada. Os hospedeiros, geralmente, se irritam com estrangeiros que não se dão ao caso de, pelo menos, aprenderem a se comunicar na língua local. Muitos, em uma atitude impensada, acabam gritando com os imigrantes, como causa natural de quererem ser entendidos e confundem a inabilitação do que veio de outras terras com surdez, o que os leva a falarem em volume mais

alto, chamando a atenção dos que estão ao redor, e envergonhando o já inadequado imigrante.

O respeito que notamos ao respondermos à altura com educação, conhecimento do idioma e respeito à cultura local, é divinamente compensador. Deus nos faz ver que valeu a pena estudar. Paulo, para se fazer grego com os gregos, falava grego. É bonito ver um obreiro brasileiro fazendo aconselhamento pastoral a um casal culturalmente mixto. Temos em nossa igreja vários brasileiros casados com americanas e vice-versa. No gabinete pastoral é comum se falar aos dois alternando-se os idiomas. Quando os dois falam as duas línguas, falamos ao cônjuge brasileiro em português e ao americano em inglês. A língua natal é uma das forças mais decisivas na expressão dos sentimentos, reações psicológicas e manifestação de fé. A Palavra de Deus nos exorta a darmos honra a quem se deve honra e respeito a quem se deve respeitar (Rm 13:7b). Também, em 1 Reis 20:11 diz: “Não se gabe quem se cinge como aquele que vitorioso se descinge”. Buscar honra e respeito somente sendo honrado e nos dando ao respeito. Um missionário, embaixador de Deus, deve com todo zelo se cingir com o uniforme de estudante de ssa nova cultura que está para desbravar e vitorioso cambiar o uniforme de aluno para o manto de mestre, servindo aos locais com todo amor, vocação e habilidade de mestre.

### **A Procura do Campo Missionário**

O obreiro deve diligentemente participar da escolha do Campo Missionário. Várias são as possibilidades da implantação de uma nova igreja ou ida para um campo já aberto. As mais comuns são: 1) A junta de missões da denominação ou da igreja do obreiro o envia. 2) Uma agência missionária, destinta da denominação ou igreja do obreiro, o envia. Nesses dois primeiros casos, a igreja local deve ser ativamente parte do processo. A responsabilidade

primária do envio é da igreja local. A escolha do campo deve em ambos os casos se encaixar na visão da junta de missões ou da agência missionária. Em discussão nas mesas aleatórias do III COMIBAM, em Granada, Espanha, em novembro de 2006, abordamos como parte das reflexões sobre este tema, algumas questões. Qual deve ser a participação do missionário na escolha do campo? Sabemos que as juntas missionárias denominacionais ou não, e agência missionárias enviadoras, têm suas áreas geográficas de ação, e as vezes é impossível responder aos anseios das chamadas missionárias daqueles que querem ser enviados. Encontramos aqui uma dicotomia: por um lado a agência enviadora (juntas, missões, igreja independente) tem seu programa e alvos específicos a serem alcançados. Dessa forma, o missionário em potencial responde ao chamado da agência e se apresenta para o campo; de outro lado, cristãos recebem um chamado missionário e comunicam à agência enviadora sua visão. Neste caso a agência pode incluir o país ou área geográfica em sua agenda, a área podia já fazer parte do programa da agência, ou pode rejeitar a área e sugerir outra. Algumas vezes a agência, por falta de estrutura no campo missionário desejado e sugerido pelo missionários, ou por razões de segurança, pode enviá-lo a um campo semelhante, até que se forme uma equipe e os arranjos possam ser feitos no tal campo, o que pode demorar alguns anos. O obreiro, então, passa um período de adaptação naquela área, conhece culturas semelhantes, talvez a língua, e quando a estrutura do campo está de acordo com os padrões da agência enviada, ele é remanejado para o campo definitivo. No congresso chegamos a conclusão de que, primariamente, o missionário é chamado para servir e o ide de Jesus é ao mundo. Um missionário deve ir onde o Senhor lhe enviar, daí as agências enviadoras se tornam o canal de Deus, via o princípio de autoridade, para a escolha do campo. Entretanto, Deus envia o obreiro e a chamada também é para o obreiro. Sua família, quando existente, deve ser parte da chamada e sentir de Deus a sua

inclusão. Temos exemplos na bíblia sobre chamadas geograficamente específicas dadas ao obreiro. O profeta Jonas foi enviado a Nínive. O apóstolo Paulo foi enviado aos gentios, mostrando uma chamada com um planejamento estratégico, de certa forma localizada fora do contexto nacional de Israel. Em outra chamada, Paulo é convocado para passar a Macedônia, o que faz dessa última uma chamada genuinamente geográfica. Decidimos optar pelas duas possibilidades e até uma terceira, que seria a junção das duas. A chamada deve ser interna, no coração do obreiro. Quando não específica, este se adaptará ao serviço onde a agência o enviar. Muitas igrejas locais vivem esta experiências. Os pastores estão alí por períodos e são remanejados para outra igreja, conforme o programa da área responsável pela escolha do campo, seja p presbitério, a convenção, a junta nacional, o bispo ou qualquer outra estrutura ou agente com este poder. Quando a chamada for geográfica ou abrange uma etnia, mesmo que espalhada pelas nações, o obreiro comunica este fato à agência enviada. Se não houver acordo, deverá procurar uma outra agência, com a mesma visão, mudar sua filiação, mas nunca ir por conta própria, em rebeldia à determinação daqueles que têm autoridade sobre ele. Alguma vezes, a própria agência vai sugerir ou intermediar essa aproximação - o que seria o mais indicado - e assim, “empresta” o missionário àquela nova agência, sem fechar as portas, além de demonstrar ter uma visão de reino. 3) Uma terceira possibilidade de envio acontece quando a igreja local, independentemente das possíveis juntas de missões denominacionais, e sem o uso de uma agência missionária, decide enviar o obreiro. 4) O missionário de afilia a uma missão ou agência enviada, onde a filosofia de envolvimento da igreja local é inexistente, ou onde a missão se torna um tipo de igreja local. Nesses dois casos, aquela se torna também a agência enviada e esta se torna a igreja local. Não estamos aqui advogando qual estrutura é a correta. Nos casos de envio, as consequências causadas pelas falhas decorridas da falta de compreensão

de onde se encontram as responsabilidades, principalmente quando o missionário já se encontra no campo, têm trazido muito sofrimento a este e a sua família. Um caso se espelhar em outro, cuja estrutura de envio é diametralmente oposta a sua, só traz confusão. Daí, se uma igreja local deseja enviar um obreiro por conta própria, nunca deve se portar como outra igreja local que enviou o seu missionário via uma agência enviada. Neste caso, a igreja conta com toda uma estrutura da agência enviada que, nas ocasiões determinadas irá interagir com o missionário e com a igreja. Naquele caso, a igreja resolveu fazer tudo sozinha, assim, deve assumir e agir paralelamente como igreja local e agência enviada. Sabemos de igrejas locais que ao enviar o missionário por si próprias, se espelham em outras que unidas às suas juntas de missões, participam menos ativamente dos assuntos e atividades concernentes ao campo missionário, e agem somente no âmbito da vida pessoal do missionário, área esta que deveria estar permanentemente ligada à igreja local. Assim, o missionário no campo, por não ter uma supervisão do trabalho, uma ação consistente como a que deveria ser dada por uma agência enviada, se sente como um membro enviado por sua igreja local, porém com uma chamada única e exclusivamente própria. Quando não há participação de uma agência enviada nos trabalhos do campo e no desenvolvimento dos projetos, o missionário sente que o que ele está fazendo não é importante, que a sua visão e chamada é pessoal e que a participação da igreja local ou da agência é somente consigo e não com o campo. Quando a igreja ou a agência não participa da vida e família do missionário, e sua comunicação tem só a ver com os trabalhos do campo, o obreiro se sente um zero à esquerda, um instrumento de uso para que os alvos da igreja ou da agência sejam alcançados.

De uma forma bem simples deveríamos dividir as responsabilidades e participações dessas três áreas: o obreiro e sua família, a igreja local, e a agência enviada. À família cabe a

unidade, a chamada, o preparo, a segurança, o sustento e a educação dos filhos. Como parte integrante da família, cabe ao missionário o desenvolvimento do projeto, o amor e exemplo no campo e em casa, a submissão à agência e à igreja, e a busca de unidade com outros missionários e pastores locais. A igreja local deve ter parte ativa na preparação para o envio, responsabilidade com o treinamento, ensino e responsabilidade teológica, levantamento e envio de sustento para o campo, cuidado pastoral antes, durante e depois da volta do obreiro e de sua família, investidura de autoridade, certeza de que o obreiro é maduro e espiritual, oportunidade do missionário desempenhar funções e ser mentoreado no período que precede seu envio, para seu crescimento administrativo e exposição a situações que deverá encontrar no campo missionário, ordenação quando for o caso, visita do pastor ou comitiva ao campo, participação espiritual e emocional da igreja, mantenedores locais, amigos e família nas ocasiões especiais como aniversários, natal, e datas importantes, contato constante por carta, telefone, email e outros, inclusão do missionário e família na vida da igreja, boletins, websites, lista de emails, para que ele e sua família se sintam ainda parte do corpo local, hospedagem durante os períodos de regresso e reintegração caso haja a volta, cuidado para que na volta não seja sobrecarregado de reuniões, caso venha para visitar a igreja, preparação da igreja para receberem a família que volta, por curto período ou definitivamente, minimizando assim o contra-choque cultural. A agência enviada deve ter parte ativa nos filtros específicos antes do envio, se certificando de que o obreiro e família estão prontos para o campo, comunicação e preparo específicos sobre o campo, transparência sobre os riscos, clareza nos propósitos e alvos, planejamento em conjunto, comunicação constante e visita ao campo, intermediação no levantamento de sustento, apoio à igreja local no cuidado integral do missionário, prover seguro de saúde, remoção em caso de emergência, acompanhamento do projeto, honrar o seu missionário, promover ou custear sua

participação em congressos de reciclagem ou retiros espirituais, incentivar o apoio e política de boa vizinhança com outras agências e missionários da mesma área. Muitas vezes é através de uma outra agência ou de outro missionário que encomendas ou conhecimento de situações melindrosas vão e vem. Muitos missionários temem as igrejas locais e suas agências e durante os períodos de visita ao campo, ou de retorno à base, omitem os problemas, se sentem impelidos a compartilharem somente as bênçãos. Por outro lado as igrejas ou algumas agências acabam se esquecendo de que existe um missionário no campo, com sua família, e que eles vivem todos os dias. Parece que muitos creem que os missionários se alimentam de vento e que a tudo devem responder com um sorriso. Outros acreditam que todo missionário deve estar no campo para sofrer e que isto faz parte do treinamento de Deus. A agência deve ser a defensora, a advogada, a conselheira, a facilitadora, o ombro amigo mais forte, com o que o missionário e sua família podem contar. A agência não deve ser vista nem sentida como o patrão, o espião, aquele que pode a qualquer momento fazer perecer o sonho e o chamado missionários. Como o amigo virtual e pastor missionário no Chile, Boaventura Jr., milhares de outros sofrem e não encontram saída. Segue uma carta que recebi dela. Foi um desabafo depois de ter superado uma grande crise de abandono que passou no campo missionário com sua família. Lembro-me de seus emails naquele tempo onde compartilhou que fora enviado ao campo por uma igreja que durante 10 meses não deu qualquer sustento financeiro ou apoio. Nossa igreja aqui no Texas se comoveu tanto ao ver fotos e saber que para sobreviver a esposa e o filho vendiam batata frita em uma mesinha na calçada, que resolvemos apoiá-lo. O que resultou foi a sua volta ao Brasil para fazer, conforme aconselhamos, uma mudança radical de igreja e de agência enviadora. De volta ao Chile, devidamente apoiado por uma nova igreja, seguiu-se o natural sucesso ministerial. A chamada e o amor missionários eram reais.

Amados.

Que a doce Paz de nosso Jesus, esteja com todos vocês.

Está se aproximando um final de ano a mais no Campo Missionário. Faz 3 ½ que estamos no Chile, fazendo a obra do Senhor. Neste período, descobrimos verdadeiramente o agir de Deus. Se foram as emoções dos *Congresos de Missões, dos Cultos Missionários, das Manhãs Pentecostais Missionárias, dos Cultos com trajes e comidas típicas*, e veio a realidade do Campo Missionário. Algo que só vai sentir quem já viveu esta indescritível experiência. Nos sentimos “chilenos” em tão pouco tempo! Mais parece que já vivemos aqui há anos.

É um país difícil para o Evangelho onde a credibilidade ministerial está no chão. Ser pastor no Chile é servir de “*escândalo*”; ser pastor no Chile é ser adúltero, ladrão, corrupto, enfim, é ser um aproveitador a mais. O Chile, é considerado o país mais *preconceituoso* de América do Sul. É um país com extratificação de classes sociais, é um país *caríssimo* de se viver. Se paga a educação municipalizada, a saúde, não é um país industrializado, razão de estar entre o segundo e terceiro país mais caro da América Latina para se viver. Todas estas realidades eu não entendia. Confesso que cheguei no campo cheio de ideais e emoções, animado, mas depois de três meses neste país meu desejo era voltar para minha pátria. Além do mais, é um país *geladíssimo e sísmico*, onde o último tremor de terra que tivemos em Santiago, há um mês atrás, foi de 5,6 graus. Tudo isto, por mais simples que pareça, se não tivéssemos uma chamada verdadeira e não estivéssemos convictos do que Deus queria fazer com nossa família, já teríamos voltado ao Brasil. Viva o Brasil!

Superamos dificuldades que ainda não aceitamos, mais as superamos. Passamos fome, vi meu filho desmaiar de fome, vivemos necessidades terríveis. Para que os amados tenham uma idéia, faz anos que minha família não faz um “check-up” médico. Neste período que estamos aqui, nossa vida tem sido um grande milagre. Relatar tudo que vivemos, é impossível, porque o dia a dia no Campo Missionário não é como muitos aficionados por missões pensam. Missões não é só evangelismo, pregar, expulsar demônios, falar de Jesus a todo tempo. Não. Missões também é vida emocional, psicológica, pagar aluguel, manter sua família, ter falta de medicamento, falta de roupa e calçado, falta de um gabinete pastoral. O missionário só dá e não recebe por anos, e ainda para muitos, é tido como turista. A maioria das igrejas que enviam um missionário ao campo, não cuida dos mesmos como se deveria cuidar. Exige relatórios, relatórios e relatórios, mais se esquecem das necessidades básicas do missionário. Não se comunicam, nenhuma carta, nenhum email, nenhum telefonema. As esposas dos pastores não se comunicam com as esposas do missionário, os filhos dos pastores não se comunicam com os filhos dos missionários, enfim, definitivamente o missionário foi chamado para sofrer, e se não sofrer como se deve sofrer, não é missionário. Missionário que é missionário, tem que passar fome, necessidades. Deus tem que curar suas enfermidades, fazer aparecer dinheiro no chão, na rua, no guarda-roupa, etc. E melhor ainda, de visita ao Brasil, tem que contar tudo isto. Como me falou um Secretário de Missões em visita ao Chile, “*você está no deserto de Deus, na escola de Deus*”. É verdade, nesta frase vejo a limitação dos nossos agentes missionários, completamente leigos sobre o tema.

Hoje, depois deste período, eu sei em quem tenho crido. Falo como Jó: “*antes eu conhecia a Deus só de ouvir falar, mais hoje, os meus olhos o contemplan*”. Hoje eu sei o que é fé, sei o que é evangelho, sei o que é pregar e ter resultados, e não ser um “*profissional de púlpitos*” como está cheio no Brasil. Pregações como “*Sete Tópicos de um Gideão Missionário*” não passam de falácias desconhecidas do tema.

Sou missionário e me orgulho de ser. Nesta carta quero agradecer a três homens de Deus que acreditaram em mim, no “*Proyecto Chile*”. Ao meu pastor presidente Josias Martins, MSF – Angra dos Reis, RJ, ao meu amigo pastor

Manassés Brito, AD Campinho – Jacarepaguá, RJ, e a um amigo em particular, pastor Julio B. Pinto, dos Estados Unidos. As conquistas aqui no Chile devo ao apoio que tenho e tive em momentos cruciais, como foi a ajuda do Pr. Julio Barcellos Pinto no ano de 2004 aqui no Chile.

Falar do Pr. Manassés, este grande homem de Deus, é recordar o que ficou gravado nos corações dos nossos primeiros membros aqui no Chile. A chegada daquela comitiva deu uma *arrancada* na obra missionária. Mais que isto, serviu de exemplo para mim, minha família (esposa e filhos), e novos membros da recém-formada igreja. Um homem com o êxito que tem no Brasil e no exterior, transmitir tanta simplicidade, humildade, amor com a minha família e com a obra missionária, foi incrível! Supriu minha casa com itens importantes, meus filhos com utensílios escolares, enfim, marcou nossas vidas. Temos uma saudade incrível dessa comitiva. O ímpeto para evangelismo, o culto realizado na garagem da nossa casa, a investida do diabo contra ele, sua esposa e contra os pastores Bernardino e Edmilson, foram experiências marcantes para o crescimento do trabalho aqui no Chile. Os amamos muito e sentimos muitas saudades.

Pastor Julio Pinto foi um amigo enviado por Deus em um momento de muita angústia, quando estávamos desesperados e vivendo nossa maior crise no campo missionário. Este grande homem de Deus, *que ainda não conheço pessoalmente*, mais irei conhecer logo, para abraçá-lo com a minha família, me ajudou com orações, conselhos via email, e financieramente, quando o meu filho desmaiou de fome por duas vezes. Tenho uma estima muito grande por este servo de Deus, e um dia, *creio que não muito distante*, Deus me proporcionará conhecê-lo.

Meu pastor presidente... é um pai para mim e minha família. Pastor Josías investiu no meu ministério sem me conhecer. Me abriu os braços e me acolheu, juntamente com minha esposa e filhos, em um momento super difícil, e até hoje me mantém no campo missionário. Abraçou o “Proyecto Chile” sem ler, sem saber o que realmente era ou de que se tratava, simplesmente confiou em mim. Hoje, o resultado está aí! ¡Dios es fiel! O estimamos muito. Sempre terá meu respeito e total obediência.

Começamos com algumas famílias em uma casa, crescemos, agora estamos em um templo com mais de 120 pessoas congregando, fiéis, ajudadoras; fizemos dois batismos neste ano, formamos obreiros autóctones, conseguimos um Instituto Teológico, patrocinado pelo IBADEP – Instituto Teológico da Assembléia de Deus do Paraná, para nos apoiar nessa tarefa. Serão dois anos de ensino teológico. Estamos abrindo um núcleo de teología em Los Angeles, cidade no sul do Chile. O que Deus está fazendo conosco aqui é coisa grandiosa. Estamos propondo a compra de um terreno de 1.000 m<sup>2</sup> onde, no nome de Jesus, vamos construir e realizar o Projeto que Deus colocou em nosso coração para esta nação. No ano de 1986 Deus me chamou para o Chile. No ano 2000 ele reavivou esta chamada, e em 2001, pela primeira vez, no mês de julho, coloquei os meus pés no Chile. Em 2003 voltei com toda minha família depois de um pequeno período no Brasil, e aqui estamos até hoje. Temos um projeto em fase inicial. Creio que com a ajuda do nosso Deus vamos conseguir concluí-lo. Missões, aprendi que não se faz com imediatismo, e sim se investindo tempo. Cada missionário está envolvido com o povo que Deus o deu. Missões não é algo rotativo, missões é inversão de tempo, é ter o obreiro ideal para a nação ideal. Por isso, antes de dizer que meu coração está nesta nação, tenho que analisar todos os aspectos que envolvem a obra missionária.

Está se aproximando mais um final de ano. Para nós no campo missionário, gera-se uma expectativa diferente. Por que? Já estamos acostumados a enviar cartas para pessoas que se comprometeram em nos ajudar, em sempre telefonar, enfim, estamos nós missionários já acostumados com esta “*Emoção Missionária*”. Mais mesmo assim, enviamos nossa *Petição de Final de Ano*. Não

com histórias comovedoras, mais com o apêlo de que tenhamos, ao menos, um Natal digno, com alegria financeira para nossa família. Afinal, temos filhos, e quem é pai de família ou pastoreia igreja, sabe o quanto é difícil para nossos filhos, principalmente no campo missionário, longe do nosso país. Nossos filhos, têm o privilégio de conhecer outra nação, outra cultura, outros costumes, mais por outro lado, se privam de serem normais como os demais. Se privam de presentes nesta e em outras ocasiões, se privam de uma roupa nova, ou um calçado novo, e de muitas outras coisas, porque, como muitos pensam, obra missionária é viver com escassez, *conceito de muitos*, por. em não bíblico, conforme Filipenses 4.10 e 3 João 2. *¡Que Dios te Bendiga! Orem por nossa família. Pr BJ e esposa RM, e filhos: R, F, M e J.*

Voltamos às possibilidades de implantação de uma igreja ou de um campo missionário no exterior. 5) O missionário resolve ir ao campo por conta própria. É incrível a quantidade desses missionários. O processo pode surgir por ter sido negada a oportunidade de se ir através da igreja local, não ter as qualificações exigidas pela agência enviada, traços específicos de personalidade, conflitos de interesse onde o intuito de se sair do Brasil, por diversas razões, inclusive a de segurança ou a financeira, se mistura ao chamado, rebeldia, egocentrismo, ignorância sobre o que é um campo missionário, imediatismo, grande amor pela obra de Deus, porém sem direção clara, ostracismo, disputa e emulação, insubmissão, incompreensão por parte da igreja local ou da agência enviada, política, enfim, muitas podem ser as variáveis, mas o que acontece é que o missionário parte para o campo sem cobertura espiritual. Alguns, menos expostos, visitam diversas igreja e amigos, levantando o seu sustento e arregimentando intercessores. Outros, criam suas próprias missões e se enviam através delas. Em qualquer caso, quando o missionário sai por conta própria, fere o princípio bíblico do envio em Romanos 10:14-15. “Como pois invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem nada ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados”? O Espírito Santo disse à igreja para se separar Barnabé e Paulo, e assim fazendo, eles os abençoaram e os enviaram. Nós caçamos em bando, como os leões, e não solitariamente como gatos. O mesmo espírito que acomete àqueles que querem viver uma vida

cristã dissociada da igreja local, ataca esses missionários. Nesses casos, quase sempre, a escolha do campo cabe única e exclusivamente ao missionário. Se por razões diversas às aqui referidas, um missionário acabe em um campo missionário sem o devido envio ou cobertura de uma igreja, deve urgentemente procurar resolver esse problema espiritual. Essa cobertura não deve ser no papel somente ou por meio de ligações quase inesistentes, mas real, relacional e de fato. O missionário cometa vaga em uma órbita distante dos outros planetas, devidamente posicionados e mantidos pela sua estrela, fonte de calor. Têm órbita irregular, carrega consigo muito gelo e às vezes passa anos sem que os vejamos. Não cometa essa órbita. Ela trará isolamento, escuridão e lembre-se, um cometa não tem luz própria, somente quando passa perto do sol, e dos planetas que ali já estão, é que é iluminado. Toda ação em direção ao evangelismo e missões pode dar resultados. Até incrédulos têm obtido resultados positivos. Não meça o seu ministério pelos resultados pois o Senhor disse que se nos calássemos até as pedras clamariam. O fato de um missionário que saiu por conta própria colher alguns frutos não deve abonar a quebra de um princípio bíblico. Agradeço a Deus por todos os missionários. Mas com grande amor exorto a esses que estão sozinhos a buscarem o Corpo. Me recordo quando em 1981, preocupado com o isolamento da Igreja Angolana, o Irmão André, da Missão Portas Abertas, nos convidou para um projeto naquele país. Por três anos trabalhamos pela Missão Volantes de Cristo e Portas Abertas para fortalecer o contato e intercâmbio da Igreja Angolana, tão atingida pela revolução comunista, com a Igreja em outras partes do mundo. O projeto foi um sucesso. O intercâmbio, contatos e comunhão voltaram à normalidade e em pouco tempo igrejas brasileiras visitavam Angola, corais angolanos faziam apresentações em igrejas brasileiras, e assim por diante. Nesse caso o isolamento não se deu por vontade própria, mas por contingências que o forçaram. Hoje, trabalho com uma organização missionária chamada

Harvest World Network que tem ido de encontro a muitos missionários e campos independentes. Através de uma aliança real, temos suprido essa necessidade de comunhão, cobertura espiritual, apoio logístico e contínua interação, sem contudo interferir no nome, administração, visão e autonomia. É interessante entender que autonomia não á independência.

6) O missionário é convidado por uma igreja ou uma agência fora do Brasil e á absorvido por ela. Há alguns anos recebi um telefonema do Brasil de um pastor amigo, Eduardo Noel, de Patrópolis, que me solicitou intervir em uma caso que estava acontecendo em Genebra, na Suíça. Depois de diversos contatos resolvi visitar o campo. Alí encontrei um pastor que estava à frente de quatro igrejas brasileiras: em Genebra, Lausanne, Yverdon e Biege. Estava na Suíça há um ano e me contou que fora convidado pelo pastor da igreja de Genebra, a mesma que ele agora pastoreava. Após os arranjos para a viagem, veio com sua família e muito ímpeto para o trabalho. Em pouco tempo implantou dois trabalhos, o de Yverdon e o de Lausanne, trasendo o número de igrejas pastoreadas pelo pastor francês, para quatro. Satisfeito com o desenvolvimento do novo obreiro, o pastor francês aceitou um convite da França e entregou as quatro igrejas ao pastor brasileiro. Afinal, a maioria dos membros era brasileira. O pastor francês havia iniciado esse trabalho para dar apoio aos brasileiros. Tudo parece divinamente inspirado. Algum problema? O pastor brasileiro ainda não era pastor, não tinha muita experiência e viera para trabalhar debaixo da tutela de um pastor. Por outro lado, Deus estava honrando seu ministério. Começamos a ajudá-lo. Fizemos uma cerimônia familiar de ordenação, registramos o seu nome na Ordem de Pastores Brasileiros para que ele pudesse dar continuidade ao seu processo de legalização naquele país, enviamos um casal de missionários para ajudá-lo, o Delvane a Kesia, suprimos o campo com alguma literatura, bíblias em português e fitas de sermões para sua devoção, e em parceria por algum tempo com a nossa

igreja, ele tomou alento e revigorou suas forças. Nesse caso, o convite foi para uma atividade e evoluiu para outra. Esse pastor se encontra hoje em outro campo missionário, em outro país. No meu caso em particular, quando ainda trabalhando com a Missão Volantes de Cristo, no Brasil, fui adotado pela Shady Grove Church em Grand Prairie, no Texas, em 1984. Desde então esta tem sido a minha igreja local e agência enviada. Implantamos o trabalho missionário nos Estados Unidos e através dela recebi meus documentos e a consequente cidadania americana. Hoje, ainda ligado à Shady Grove Church como pastor da Shady Grove International Church, o seu braço brasileiro, desenvolvo junto a Harvest World Network, a supervisão de uma rede missionária em 46 países, sendo em alguns deles com brasileiros. A presença de missionários brasileiros adotados por igrejas e agências enviadoras estrangeiras é marcante. Com o despertamento missionário na América Latina desde as décadas de 70 e 80, muitos líderes hodiernos nos campos missionários aqui e alhures são brasileiros. Desses, uma vasta quantidade foi adotada ou absorvida por agências estrangeiras. O que facilitou essa dinâmica foi a visita de muitos pastores estrangeiros, mormente dos Estados Unidos, ao Brasil nos anos 80, quando foi costume as igrejas americanas fazerem parcerias com igrejas nacionais e buscar financiar ministérios do terceiro mundo. A ida de obreiros brasileiros para estudo de graduação em seminários americanos e europeus também contribuiu para essa exposição que em muitos casos resultou em amalgamento cultural, casamentos, despertamento para novas estruturas missionárias, ideias, chamadas específicas, e convívio com a igreja onde congregava durante o curso, onde, muitas vezes, apoiou o pastor ou missionário brasileiro financeiramente.

7) O missionário, em visita a um campo ou igreja no exterior, é convidado a assumir o trabalho. Se ao visitar o campo um pastor ou missionário recebe um convite, cuidado. É preciso muita precaução, estudo dos antecedentes, conhecimento claro da causa e intenções dos que fizeram o

convite. A ideia de que “a cavalo dado não se olha os dentes” pode arrasar o ministério de alguém que venha a receber um Cavalo de Troia. É um grupo que convida? De onde veio esse grupo? Saíram de uma igreja? Houve motim, rebelião? É uma igreja que convida para assumir outra igreja, ou para assumir o lugar de um pastor ou missionário retirante? Conversou com o pastor e que volta ao país de origem? Enfim, nesses casos uma pesquisa calma e profunda irá prevenir grandes aborrecimentos no futuro. Um amigo pastor, com uma igreja estabilizada no Brasil, porém com chamada missionária para trabalhar na Europa, passou um mês visitando igrejas brasileiras naquele continente. Um convite atrás do outro, um contato aqui, outro ali, fez muitas amizades e relacionamentos. Passados alguns meses recebe um convite de uma das famílias que conheceu. Naquele país, o pastor da igreja local tinha levado a sua congregação a adotar o método ou sistema conhecido como G-12. Insatisfeitos com a mudança, vinte e cinco membros foram falar com o pastor. Este segundo o líder do grupo, fez um ultimato e disse que eles deveriam ou se adaptar à nova realidade da igreja ou dela saírem. Agora, disse ele, resolvemos sair e não temos pastor. Queremos lhe convidar para ser o nosso pastor. Meu amigo pastor contactou outro pastor em um país vizinho, que fora quem o apresentou àquela igreja. O pastor nesse outro país confirmou o acontecido. Meu amigo se preparou para a viagem. Preparou sua igreja, fez culto de despedida e na semana da partida recebeu a notícia de que o pastor do outro país acabara de se mudar para aquela comunidade e assumira a igreja, ou melhor, o grupo. Estava em cheque-mate. Já havia convidado outro pastor para assumir sua igreja. Resolveu ir e iniciar um novo trabalho com uma ou duas famílias que restaram do grupo. Para aumentar a crise, sua igreja local não lhe pagava salário nem deu sustento durante os meses que passou naquele país. Com a distância e falta de envolvimento com sua igreja de origem, os laços foram afrouxando. Conversamos por telefone e ele resolveu voltar ao Brasil e

reassumir a igreja. Cremos que no futuro ele volte ou envie algum missionários para aquele país, pois sua chamada foi genuína e seu amor por aquele povo real. Mas quanto sofrimento ele passou com sua esposa. 8) O missionário sai do Brasil por razões diversas. No estrangeiro, renova sua chamada e assume um campo, ou ainda, fora do Brasil se sente chamado e vocacionado para a obra missionária. Como já mencionei anteriormente, a saída do brasileiro para tentar a vida em países do primeiro mundo é uma realidade. Essa diáspora brasileira ocorre com grande força desde os anos 80. As razões principais são financeira e de segurança. O imigrante perde parte do seu chão e mudanças radicais podem ocorrer. 9) O brasileiro imigra para outro país e ali se converte e recebe a chamada de Deus. Na igreja em Nagoia, Japão, pastoreada por meu primo, Pr. Ricardo Barcellos Kitaoka, a presença desses casos é a regra. Com a maioria de membros convertidos ali no Japão, o processo de discipulado, crescimento espiritual, chamada, treinamento e envio ocorrem todos fora do Brasil. Hoje com treze campos missionários, incluindo China, Indonésia e Timor, os obreiros brasileiros são frutos do campo missionário. Em Atlanta, no estado da Geórgia, nos Estados Unidos, o pastor João Carlos Rocha, também diretor da Harvest Network, está a frente de uma igreja onde a maioria se converteu nos Estados Unidos. Dali, vários já estão no seminário para treinamento e envio ao campo missionário. Em um artigo meu publicado há alguns anos em um tabloide nos Estados Unidos, abordei a realidade dessa transformação.

O moço nasce e cresce sem se preocupar com o futuro. Na adolescência começa a sonhar. A menina do interior pensa num bom casamento, as mais dedicadas ao estudo pensam em ser professora. A vida começa a deixar de fazer sentido quando os problemas dos pais e as dificuldades até então camufladas pelos tempos de brincar, passam a assumir lugar de um monstro da realidade. O migrante brasileiro, abrangendo várias idades, se translada à cidade grande como um peixe fora d'água, um corpo sem ligações culturais que façam sentido. A família e as amizades ficaram para trás. Em sua terra era conhecido, tinha nome; na metrópole é mais um tentando sobreviver e enviar algum dinheiro para quem ficara torcendo e orando por seu sucesso.

O tempo passa e sua base cultural se esvai. Seus amigos, possivelmente, passam ou passaram por experiências semelhantes. Muitos se tornam duros, insensíveis, vacinados. As meninas têm sorte pior, atacadas por propostas e encurraladas pelo senso de sobrevivência. Quando o dinheiro dura um pouco mais que o comum, uma viagem apressada de uma semana mata as saudades e põe em dia os assuntos por muito esquecidos. Como num túnel do tempo o migrante está de volta ao seu passado. Ali fora tratado como filho da terra, gente amiga confiável e conhecida. Por algum tempo se esquece das humilhações que, por amor aos parentes e amigos, ou por vergonha de ter maculado a honra, esconde e omite, mudando de assunto se sua privacidade é ameaçada. De volta à cidade gigantesca que o espera com sons e odores que há muito se entranharam em seu ser, tem uma estranha sensação - ele gosta dali. Foi bom ter voltado no tempo e espaço, rever a dona da quitanda, conversar com os amigos de infância, agora casados. mas um estranho sentimento lhe diz que ali, na selva de pedra, nos tumultos do trânsito, ele encontrou seu destino. Como um híbrido terá de encarar a realidade de sua mutação. Não é mais a mesma pessoa da cidadezinha; não se adaptaria naquela roça, nem se sente como os que nasceram na capital. Quem sou eu? Com muitos anos de desvantagem em relação aos nascidos ali, trabalha em dobro, para tirar a diferença.

Agora casado, com raízes se aprofundando, trazer os parentes para visitá-lo ou acolhê-los como agregados, se torna o fruto de tantas madrugadas divididas entre um trabalhinho extra e cochilos no ônibus, ao caminho de casa. O híbrido descobre que não é híbrido. É, na verdade, como a maioria: nômades por natureza, seres humanos no cosmo dinâmico. A idéia de que os naturais daquela região são privilegiados é vaga. A maioria que conhece está na mesma situação dele. O sucesso ou fracasso não depende da origem, mas da garra com que encararam a vida. Na verdade ele descobre que nativos daquela terra têm as mesmas preocupações, no entanto suas dificuldades não podem ser atribuídas à migração, o que os tornam mais decepcionados e frustrados.

Nós, com a desculpa de sermos estrangeiros em terra estranha, temos um aliado psicológico atuante e poderoso. Como o migrante do interior, nós, os imigrantes brasileiros, somos a princípio um povo sem terra, descalçado de sua cultura, afligido por todos os lados, mas vitorioso e de garra. A facilidade que temos em ajeitar, improvisar, superar, adaptar, serve de catapulta que nos lança ao trabalho como nunca experimentamos no Brasil. Quem já não disse: Se você trabalhasse assim no Brasil já estaria rico. Estamos fazendo o que nossos antepassados fizeram. Ter coragem de desbravar um novo mundo e proporcionar aos nossos filhos um futuro que julgamos ser melhor. Nossas raízes, responsáveis pelo nosso calor, pelos valores de família, pela alegria irradiante, até em meio aos infortúnios da vida, jamais serão perdidas. Aos que aqui estão temporariamente, recebem de nós, os que nos alicerçamos em solo americano, suporte e ajuda para armarem suas tendas.

Descobrimos, depois que a tempestade passa, que outros barcos, tais como o nosso, vindos de todas as partes deste planeta, vagaram por um pouco à toa, mas foram norteados pelo mesmo altruísmo que um dia reunimos para enfrentar a fila, aquela fila que, com nosso destino em suas mãos, brincou de mamãe mandou bater nessa daqui - Pode buscar seu Visto amanhã. O que era utopia foi descartado, a realidade brotou em forma de conquista e nossa comunidade verde-amarela global, cada vez maior, mais organizada e espalhada, é o nosso Brazil, menor, com menos recursos, mas tão brasileiro - e às vezes até mais brasileiro - quanto o nosso Brasil, também nosso. (Brazil Abroad, ano 1, nº 2, pg 13).

10) O missionário é enviado por uma agência ou igreja e no campo missionário se agrega a outra agência ou igreja. Nesse caso, o que já foi comentado anteriormente se aplica. A diferença vem na filosofia e às vezes na teologia da nova agência. Como vimos, inúmeras são as nuances da ida ao campo. A escolha deste deve sempre incluir a chamada do obreiro, a participação da igreja local e a supervisão e apoio contínuo da agência enviada, seja ela uma junta da mesma denominação da igreja local ou não.

*A continuar - Pr. Julio B. Pinto*